

Aracaju em cores

Caminhos LGBTQIA+ cartografados por entre os bairros da capital

Aracaju in Colors: LGBTQIA+ Paths Mapped Through the Capital's Neighborhoods

Recebido em: 16/09/2023

Aprovado em: 15/02/2024

Caio Vinícius Santos Souto

Stephani Rayanne da Conceição Santos

Isis Milena Santos de Oliveira

[Sobre os autores >>](#)

RESUMO

O presente artigo é fruto de um trabalho coletivo realizado na disciplina optativa Tópicos Especiais em Museologia - Museologia LGBT, ofertada no período de 2022.2, entre os meses de fevereiro e maio, pelo Departamento de Museologia da Universidade Federal de Sergipe. A pesquisa faz uma análise qualitativa dos (ausentes) direitos humanos e do acesso das minorias de gênero e sexualidade à memória oficial, e o seu campo de poder frente a uma matriz heterossexual, branca, cissexista. Propõe-se uma cartografia e análise dos pontos de sociabilidade e indicadores de memória LGBTQIA+ referentes à comunidade dissidente da cidade de Aracaju/SE. Os locais cartografados pela capital sergipana foram definidos a partir da vivência nos espaços e das memórias coletivas e individuais dos alunos participantes da disciplina ofertada.

Palavras-chave: Museologia LGBTQIA+; memória; indicadores de memória; museus; cartografia.

ABSTRACT

The present article is the result of a collective work carried out in the elective course Special Topics in Museology - LGBT Museology, offered in the 2022.2 academic term between the months of February and May, by the Department of Museology at the Universidade Federal de Sergipe. The research conducts a qualitative analysis of (absent) human rights and the access of gender and sexuality minorities to official memory and their field of power face a heterosexual, white, cissexist matrix. It proposes a cartography and analysis of points of sociability and indicators of LGBTQIA+ memory, related to the dissident community of the city of Aracaju, Sergipe. The locations mapped in the capital of Sergipe were defined based on the students' experiences in the spaces and in the collective and individual memories of the participants in the course offered.

Keywords: LGBTQIA+ Museology; memory; memory indicators; museums; cartography.



Introdução

O presente artigo tem por finalidade fazer uma análise qualitativa sobre os direitos humanos e o direito à memória das comunidades dissidentes de gênero e sexualidade. Além disso, também propomos cartografar indicadores de memória e pontos de sociabilidade LGBTQIA+¹ da cidade de Aracaju (SE). Para a construção da pesquisa e de sua fundamentação teórica, foi realizada uma revisão bibliográfica, cujos autores principais foram Tony Boita, Jean Baptista e Mario Chagas, com base na temática LGBTQIA+ e nos campos de disputa por memória e potencialidade dos espaços museais.

O pontapé inicial para que os desdobramentos da Nova Museologia pudessem surgir foi fomentado após a Mesa Redonda de Santiago do Chile em 1972, onde aconteceram discussões importantes sobre qual papel os museus da América Latina deveriam adotar, uma vez que as realidades da região eram diferentes das realidades do continente europeu. Segundo Maria Célia Teixeira Moura Santos,² a Nova Museologia se desprende da razão instrumental a que os museus estão submetidos e foca no diálogo, ao trabalhar

¹ A sigla LGBTQIA+ se divide entre letras que representam identidades de gênero e orientações sexuais. L significa lésbicas, mulheres que se relacionam afetiva e sexualmente com outras mulheres; G significa gays, homens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens; B significa bissexuais, pessoas que se relacionam afetiva e sexualmente com outras pessoas; T significa travestis e transexuais/transgêneros, sendo travestis uma construção alinhada ao gênero feminino, aposto à designação sexual no nascimento (travestis são também corpos políticos e de ressignificação social que historicamente foram marginalizados; transexuais são pessoas que não se identificam com o gênero imposto ao nascimento, e o termo transgênero é um termo guarda-chuva que abarca travestis e transexuais na sigla); Q significa *queer*, pessoas que não seguem a cis-heteronormatividade, ou seja, são pessoas que não são cisgêneras (aquelas que se identificam com o gênero de nascimento) e heterossexuais; I significa intersexo, são pessoas que possuem uma variação fenotípica masculina e/ou feminina, também, no que diz respeito à configuração de cromossomos, genitálias e coexistência; A significa assexuais, pessoas que vivenciam suas sexualidades de maneira distinta do que se espera na sociedade, podendo haver contato ou repulsa por completo de afetividade e atos sexuais. O símbolo + da sigla abarca todas as outras comunidades, como pansexuais, não binários, dentre outras, que não estão contempladas nas letras da sigla. Ver: PARAÍBA (Estado). Secretaria de Estado da Mulher e da Diversidade Humana. *Cartilha Paraíba LGBTQIAPNB+*. João Pessoa, 2023. Disponível em: https://paraiba.pb.gov.br/diretas/secretaria-da-mulher-e-da-diversidade-humana/programas/cartilha_lgbt_final.pdf/@download/file/Cartilha_LGBT_Final.pdf. Acesso em: 11 jan. 2024.

² SANTOS, Maria Célia Teixeira Moura. Reflexões sobre a Nova Museologia. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, v. 18, n. 18, p. 114-115, 2002. Disponível em: <https://revistas.uluso-fona.pt/index.php/cadernosociomuseologia/article/view/363>. Acesso em: 12 jan. 2024.

os argumentos de maneira interativa no espaço social onde estão inseridos esses museus. No entanto, conforme Clóvis Carvalho Britto,³ as *museologias indisciplinadas*, termo utilizado pelo autor como uma linha de pensamento que aponta tentativas de um “desprendimento epistêmico”,⁴ ainda enfrentam um vasto apagamento, a exemplo das memórias LGBTQIA+ sobre as quais nos debruçamos melhor no próximo tópico deste estudo. Na leitura de Tony Boita e Jean Baptista,⁵ a existência de pautas LGBTQIA+ reivindicando espaços museais acontecem há um longo tempo, com maior ênfase após a Segunda Guerra Mundial a partir da coleção de Charlotte von Mahlsdorf, uma transexual alemã, no Gründerzeit Museum, em Berlim. No entanto, as movimentações acerca dessa temática no campo científico só passaram a ocorrer a partir de 1972, com a Mesa Redonda de Santiago do Chile, evidenciando que o assunto já havia sido discutido internacionalmente antes da Declaração de Santiago, bem como do surgimento da Nova Museologia.

Para Boita e Baptista,⁶ as reivindicações por espaços museais de memória surgem de movimentos sociopolíticos e ativistas que promovem “a necessidade de acolhimento da memória LGBT, bem como denunciam a invisibilidade da comunidade em museus convencionais”.⁷ Partindo disso, é possível chegarmos a algumas indagações. Quem possui direito à memória? Quem detém o poder sobre os conflitos da memória oficial, coletiva e subterrânea? Por que comunidades marginalizadas, a exemplo da comunidade LGBTQIA+, estão em constante (r)existência nos espaços, sejam eles museais ou urbanos, que são de direito e de acesso a todos igualmente?

A partir dos artigos 3o, 5o e 6o da Constituição Federal (1988), mesmo não tratando diretamente sobre a população LGBTQIA+ no

³ CARVALHO BRITTO, C. “*Nossa maçã é que come Eva*”: a poética de Manoel de Barros e os lugares epistêmicos das Museologias Indisciplinadas no Brasil. 2019. Tese (Doutorado em Museologia) – Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2019.

⁴ *Ibid.*, p. 16.

⁵ BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Protagonismo LGBT e Museologia social: uma abordagem afirmativa aplicada à identidade de gênero. *Cadernos do CEOM*, ano 27, n. 41, 2014.

⁶ *Ibid.*

⁷ *Ibid.*, p. 180.

Brasil, pudemos constatar violações dos direitos dessas pessoas perante o acesso pleno ao corpo social, devido às políticas de extermínio de todos aqueles que rompem a matriz cis-heterossexual. Com isso, nos debruçamos em torno dos conceitos de memória por Pierre Nora,⁸ Michael Pollak⁹ e Maurice Halbwachs,¹⁰ tensionando discussões defasadas no campo da Museologia sobre o direito e o acesso à memória das minorias dissidentes de gênero e sexuais.

Para Boita et al.,¹¹ a importância dos pontos de memória está imbricada diretamente com a vida e a memória da comunidade LGBTQIA+. Esses pontos podem ser locais de celebração, resiliência e ao mesmo tempo um local de denúncias de violências sofridas por aquela comunidade. Chamamos de cartografia o que Boita¹² apresenta em sua leitura de “cartografia social” imbricada no pensamento de Kleber Prado Filho e Marcela Montalvão Teti.¹³ Segundo o autor, trata-se de um processo subjetivo e objetivo, de resistência e liberdade, para além de um mapeamento físico dos indicadores de memória, em que se encontram campos políticos, disputas, enunciações e posicionamentos, que evidenciam como é primordial a luta pela visibilidade e o direito à vida. O que Boita¹⁴ denomina como “memórias exiladas e sexualidades desobedientes” encontra-se nos pontos cartografados pelos discentes, leia-se também cartógrafos, na cidade de Aracaju. Assim, na cartografia encontram-se

⁸ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 24 ago. 2023.

⁹ POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, jun. 1989. Tradução: Dora Rocha Flaksman. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 25 ago. 2023.

¹⁰ HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução: Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

¹¹ BOITA, Tony; BAPTISTA, Jean Tiago; HABIB, Ian; SABARÁ, Deborah. Museologia Comunitária LGBT+: Museu Transgênero de História da Arte e Ponto de Memória Aquenda as Indacas no ensino de Museologia. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 11, n. 21, 2022.

¹² BOITA, Tony Willian. *Cartografia etnográfica de memórias desobedientes*. 2018. 211 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2018, p. 24.

¹³ FILHO, Kleber Prado; TETI, Marcela Montalvão. A cartografia como método para as ciências humanas e sociais. *Barbaroi*, Santa Cruz do Sul, n. 38, p. 45-49, 2013.

¹⁴ BOITA, 2018, *op. cit.*

os pontos de memória; espaços de sociabilidade e lazer; espaços de trabalho; bares, restaurantes e cafeterias; casas de show, locais de “pegação”, organizações não governamentais (ONGs) e pontos de apoio e defesa dos direitos humanos.

O presente artigo está configurado apenas em três tópicos. O primeiro, “O direito de questionar o direito à memória”, apresenta de forma geral e introdutória as questões que permeiam as reivindicações por direitos humanos e o direito à memória LGBTQIA+. O segundo, “Trajetória da construção da cartografia”, delinea todo o caminho percorrido para a construção da cartografia dos pontos de sociabilidade LGBTQIA+ na cidade de Aracaju, tendo como referência as aulas da disciplina optativa Tópicos Especiais em Museologia – Museologia LGBT, ofertada pelo Departamento de Museologia (DMS) da Universidade Federal de Sergipe, no segundo semestre de 2022, ministrada por Tony Boita. O terceiro, “Indicadores de memória cartografados”, expõe todos os pontos cartografados através da memória individual e coletiva dos discentes, onde foram mapeados locais da cidade de Aracaju em que a comunidade LGBTQIA+ possuísse acesso, independente de frequentarem ou não. E, por fim, foram postas as considerações acerca dos direitos humanos da comunidade dissidente, do direito à memória e do acesso aos espaços urbanos, bem como uma análise sobre os pontos de memória encontrados na cartografia.

O direito de questionar o direito à memória

Ceifar vidas que rompem o padrão social branco, cis-heteronormativo e hegemônico tornou-se comum à realidade brasileira. Segundo o Grupo de Gays da Bahia (GGB), no ano de 2022 revelou-se que 256 pessoas da comunidade foram vítimas de mortes violentas no país, incluindo homicídios e suicídios. Além disso, o GGB também expôs, por meio de análise de dados, que ocorria uma morte a cada 34 horas no Brasil naquele período.¹⁵

¹⁵ CENTRAL ÚNICA DOS TRABALHADORES. Um LGBTI+ é assassinado a cada 34 horas no país. 2023. Disponível em: <https://www.cut.org.br/noticias/mm-lgbti-e-assassinado-a-cada-34-horas-no-pais-aponta-relatorio-b8eb#:~:text=De%20acordo%20com%20levantamento%20do,morte%20a%20cada%2034%20horas>. Acesso em: 27 ago. 2023.

Embora a Constituição Federal de 1988 não possua uma lei específica em defesa dos direitos LGBTQIA+, ela afirma em seu artigo 1º que o Estado Democrático de Direito deve defender a dignidade da pessoa humana, assim como no artigo 3º resguarda o bem de todos sem nenhuma forma de preconceito ou discriminação. Além disso, também é previsto nos artigos 5º e 6º assegurar que todos os direitos fundamentais, como o direito à vida, à saúde, ao trabalho, à liberdade, à igualdade e à justiça, sejam garantidos aos cidadãos brasileiros, bem como a garantia da igualdade para todos.¹⁶

Ao trazer dados referentes acerca de como a Carta Magna negligencia a comunidade LGBTQIA+, o que resulta em violência, perseguição e morte dessa população, Boita¹⁷ afirma ser notório que a ausência de marcos legais culminou não só em perseguição e violência (física e/ou verbal), mas, também, em exclusão social e cultural. A obsessão em oprimir as minorias sexuais e de gênero refletem os dados mapeados pelo GGB¹⁸ diante das mortes de pessoas LGBTQIA+ em 2022 no Brasil. Além disso, esses dados mostram também como a comunidade é vulnerável à violação desses direitos, muitas vezes deixando a cargo das ONGs locais ou dos movimentos e manifestos ativistas contra a LGBTfobia a tentativa de proteção dos crimes direcionados a esses corpos.

Parte do pensamento LGBTfóbico provém da forma como a sociedade é moldada a pensar que os espaços públicos de sociabilidade não pertencem e representam a comunidade LGBTQIA+, sendo referenciada normalmente aos corpos cis-héteros. Diante disso, a comunidade LGBTQIA+ é excluída e marginalizada nesses locais que também são seus espaços de memória enquanto indivíduos de uma mesma sociedade. E exemplo disso é o fato de que

¹⁶ BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal; Centro Gráfico, 1988.

¹⁷ BOITA, Tony. *Memória LGBT: mapeamento e musealização* em revista. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Museologia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014. p. 62.

¹⁸ SCHMITZ, Alberto. Mortes violentas de LGBT+ Brasil: Observatório do Grupo Gay da Bahia, 2022. Grupo Dignidade, 2023. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/2023/01/19/mortes-violentas-de-lgbt-brasil-observatorio-do-grupo-gay-da-bahia-2022/>. Acesso em: 22 ago. 2023

a política, os jornais e as igrejas continuamente afirmam que seus espaços não possuem lugar para os corpos dissidentes.

Contextualmente, tais corpos crescem marcados por posições políticas voltadas para corpos masculinos, brancos e cis-heteronormativos. Historicamente, as classes que não são contempladas por esse padrão lutam por seu lugar na sociedade. Como exposto por Paul Preciado,¹⁹ o espaço público é caracterizado como um espaço de produção de masculinidade heterossexual.²⁰

Para Fernando Mattos,²¹ a afirmação terminológica da palavra que caracteriza as comunidades invisibilizadas pode ser utilizada como auxílio no discurso do processo de luta contra culturas dominantes, assim como também auxilia no processo de viabilização. Conforme Pierre Bourdieu:

O poder quase mágico das palavras resulta do efeito que têm a objetivação e a oficialização de fato que a nomeação pública realiza a vista de todos, de subtrair ao impensado, e até mesmo ao impensável, a particularidade que está na origem do particularismo [...] e a oficialização tem a sua completa realização na manifestação, [...] pelo qual o grupo prático, virtual, ignorado, negado, se torna visível, manifesto, para os outros grupos e para ele próprio, atestando assim a sua existência como grupo conhecido e reconhecido, que aspira à institucionalização.²²

Assim, o uso das palavras e discursos visibilizam a violência sofrida pela população LGBTQIA+, a violação de seus direitos e da dignidade humana, potencializando movimentações sociopolíticas em prol da defesa e da autonomia dessa comunidade. Com isso, a visibilidade dada a essas movimentações também impactam diretamente no reconhecimento do grupo enquanto uma comunidade insurgente, que potencializa sua (r)existência na sociedade.

¹⁹ PRECIADO, Paul. Cartografias *queer*: o flâneur perverso, a lésbica topofóbica e a puta multcartográfica, ou como fazer uma cartografia “zorra” com Annie Sprinkle. *Revista Performatu*, Inhumas, ano 5, n. 17, p. 1-55, 2017.

²⁰ *Ibid*, p. 13.

²¹ MATTOS, Fernando Silva. Direitos fundamentais da população LGBT e o seu reconhecimento judicial. *Academia*, 2015. Disponível em: https://direito.mppr.mp.br/arquivos/File/direitoslgbt_1.pdf. Acesso em: 25 ago. 2023.

²² BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

Dessa forma, a Museologia LGBTQIA+ pode ser entendida como

uma escolha política, onde a sigla LGBT é potência de discussão em políticas públicas, e uma escolha teórica, no caso do uso crítico do conceito queer aplicado a partir de uma perspectiva interseccional, visando sobretudo a superação das desigualdades que pesam às comunidades dissidentes da matriz heterossexual hoje hegemônica.²³

A partir da leitura de Mayara Lacal Cunha Ladeia e Thainá Castro,²⁴ tais escolhas tornam possível a problematização dos esquecimentos sobre as memórias da comunidade LGBTQIA+ nos espaços museais, ao apresentar, desmistificar e valorizar as diferenças dentro da comunidade e para além dela. Portanto, dentro desses espaços de movimentação política, nós nos atemos à área museal da qual fazemos parte e propomos ampliar a discussão. Partindo da Museologia LGBTQIA+ e seus impactos nas esferas sociais, apoiados nos pontos de memória dessa comunidade, é possível identificarmos que o campo teórico definido é também um manifesto político que erradica a cis-heteronormatividade compulsória e hegemônica em discrepância com as minorias dissidentes da Museologia.²⁵

O avanço da Museologia LGBTQIA+ brasileira, bem como na América Latina, cresce paulatinamente, embora enfrente uma forte *performance* museal elitista, cis, heterocentrada e excludente, que ainda perpetua o sistema monárquico europeu e o seu poderio como a única fonte verídica e contemplativa da memória oficial. Partindo do princípio de que a Museologia LGBTQIA+ busca a liberdade da episteme eurocêntrica na produção de conhecimento sobre si própria e das suas narrativas, Boita *et al.*²⁶ categoriza a Museologia LGBTQIA+ em paralelo à Museologia Comunitária LGBT como uma construção coletiva feita por e para a comunidade supracitada.

²³ BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony; WICHERS, Camila. O que é Museologia LGBT. *Revista Memórias LGBT*, v. 12, p. 10-16, 2020.

²⁴ LACAL CUNHA LADEIA, M.; CASTRO, T. A Museologia LGBT existe? reconstruindo os passos do movimento LGBT+ junto à museologia brasileira. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 11, n. 21, p. 231-248, 2022. DOI: 10.26512/museologia.v11i21.41439. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/museologia/article/view/41439>. Acesso em: 16 jan. 2024.

²⁵ BAPTISTA; BOITA; WICHERS, *op. cit.*, p. 10-16.

²⁶ *Ibidem*.

Trata-se de uma Museologia pensada por nós, onde o pertencimento é determinante para se deliberar sobre nossas próprias demandas, pautando-se, sobretudo, na salvaguarda de nossas memórias como estratégia de proteção de nossas vidas, para nós e por nós – ou seja, é uma Museologia feita por e para a comunidade LGBTQIA+.²⁷

Cinquenta anos após a Mesa Redonda de Santiago do Chile (1972) e décadas após surgir a Nova Museologia, a Museologia Social e a Sociomuseologia, é possível afirmarmos que as instituições museais, principalmente as brasileiras sob a direção do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), ainda são formadas, em sua grande maioria, pela formação cis-heterossexual e masculina do paradigma museológico europeu,²⁸ onde são moldados campos de tensões e disputas inacabáveis. Conforme Chagas et al.,²⁹ “[m]emórias, patrimônios e museus são campos de luta, conflito, litígio. Nestes campos disputa-se tudo. Disputa-se o passado, o presente e o futuro; o lugar, o espaço e o território; a amizade, o amor e a atenção; a liberdade, a criatividade e o discurso”. Partindo disso, podemos evidenciar que, mesmo com as tentativas de sufocamento, as museologias indisciplinadas, a exemplo da Museologia LGBTQIA+, resistem diante de uma matriz colonizadora que ainda as consideram como desimportantes, trazendo novos olhares e novas perspectivas decoloniais.

A memória e o acesso a ela é um campo formado por disputas e tensões conflitantes. O resultado desses conflitos demonstra como o poder exercido sobre a memória oficial e coletiva negligencia o direito à memória subterrânea das comunidades insurgentes. Ao se debruçar sobre a tradição metodológica durkheimiana e as aná-

²⁷ BOITA; BAPTISTA; HABIB; SABARÁ, *op. cit.*, p. 20.

²⁸ BAPTISTA, Jean Tiago; BOITA, Tony; ESCOBAR, Geanine Vargas; TEDESCO, Caio de Souza; QUINTILIANO, Marta; RIBEIRO, Lucas. Sexualidade, gênero, raça e classe no Instituto Brasileiro de Museus (Ibram): por uma guinada *queer* interseccional e decolonial. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 57, 2023. Texto base para o dossiê “Memória, museologia LGBTQIA+ e museus nacionais”. Carvalho Britto, em obra já citada, também discute esse assunto (ver p. 101).

²⁹ CHAGAS, Mario; PRIMO, Judite; ASSUNÇÃO, Paula; STORINO, Claudia. A Museologia e a construção de sua dimensão social: olhares e caminhos. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 55, n. 11, 2018. p. 84-85.

lises de Pierre Nora³⁰ sobre os lugares de memória, Michael Pollak³¹ constitui que tais indicadores fomentam o sentimento de pertencimento dos grupos a partir de uma memória coletiva em prol da relevância que é ser lembrado pelos marcos da memória oficial.

Segundo Pierre Nora,³² a memória é a vida, sempre acompanhada por grupos vivos que a moldam e estão vulneráveis ao esquecimento e à lembrança, o que permite que a memória seja manipulável. Ainda para o autor, “a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto”,³³ sendo, assim, um gancho para a importância de se manter vivas as existências das pessoas que compõem a comunidade LGBTQIA+. Seja para perpetuar a existência e a luta na defesa dos direitos humanos civis dessa população, seja para possibilitar também o autorreconhecimento e o pertencimento de se sentirem identificados.

A rivalidade pelo direito à memória também a torna excludente, impactando rigorosamente o principal espaço de memória, o museu.³⁴ Assim como em Boita³⁵ e Chagas,³⁶ os museus ainda reproduzem um discurso saudosista, enaltecendo o colonizador, o que determina o poder da matriz eurocêntrica nesses espaços. Colonizador este representado na figura de um homem, branco, de classe alta, cisgênero e heterossexual.³⁷ Entretanto, a indisciplinaridade das museologias desnudam a museologia tradicional ou normativa

³⁰ NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Houry. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12101>. Acesso em: 24 ago. 2023.

³¹ POLLAK, *op. cit.*, p. 3-15.

³² NORA, *op. cit.*

³³ *Ibid.*, p. 9.

³⁴ BOITA, *op. cit.* 2014.

³⁵ *Ibid.*

³⁶ CHAGAS, Mario de Souza. Memória e poder: dois movimentos. *Cadernos de Sociomuseologia*, v. 19, n. 19, p. 43-81, 2002. p. 65.

³⁷ BAPTISTA, Jean Tiago; BOITA, Tony; ESCOBAR, Geanine Vargas; TEDESCO, Caio de Souza; QUINTILIANO, Marta; RIBEIRO, Lucas. Sexualidade, gênero, raça e classe no Instituto Brasileiro de Museus (Ibram): por uma guinada *queer* interseccional e decolonial. *Anais do Museu Histórico Nacional*, v. 57, 2023, p. 18. Texto base para o dossiê “Memória, museologia LGBTQIA+ e museus nacionais.

ao emergirem contra as normas colonizadoras, evidenciando o que Britto³⁸ caracteriza em sua tese de doutorado, onde é fundamental não mais pensar sobre a outra, para a outra, e sim com a outra, sob suas próprias narrativas e perspectivas não mais impostas pela normatividade tradicional.

Ao propor uma ou novas museologias imbricadas com o poder da memória, Chagas³⁹ evidencia que o museu que escolhe seguir essa vertente (do poder sobre as memórias) estreita suas relações com a sociedade e dispõe uma aproximação com seus bens culturais e serviços. Além de estimular novas possibilidades de estudo e noção informacional, potencializando “a convivência com as diversidades culturais”,⁴⁰ podemos propor que a participação da minoria sexual dissidente nesses espaços também seria um movimento sociocultural e político de autoafirmação e (r)existência enquanto uma comunidade que reivindica sua memória na sociedade.

Trajetória da construção da cartografia

A cartografia de pontos de memória e sociabilidade LGBTQIA+ na cidade de Aracaju foi resultado de um trabalho coletivo, produzido pelos discentes⁴¹ que cursaram a disciplina optativa Tópicos Especiais em Museologia LGBT,⁴² ofertada pelo Departamento de Museologia (DMS) no curso de bacharelado em Museologia da Universidade Federal de Sergipe (UFS), ministrada pelo professor Tony Boita no segundo semestre de 2022.

A ementa da disciplina se ateuve à discussão do que seria a memória e o direito à memória das minorias dissidentes. Além

³⁸ CARVALHO BRITTO, *op. cit.*

³⁹ CHAGAS, *op. cit.*

⁴⁰ *Ibid.*

⁴¹ A construção da cartilha foi realizada por Analice Moura, Brenno Costa, Caio Souto, Carlos Souza, Ísis Oliveira, Janael Santos, Luan Ribeiro e Stephani Santos.

⁴² A inclusão da disciplina foi uma conquista do Centro Acadêmico de Museologia (CAMUSE) da Universidade Federal de Sergipe (UFS), após fazer o levantamento de dados referente a opinião pública dos alunos do curso de Museologia, onde foi apresentado na reunião de Conselho do Departamento de Museologia (DMS) da UFS e aprovado por unanimidade.

disso, também esteve direcionada para expor como as disputas por espaços de poder contramemórias abalam os museus e o campo teórico da Museologia. Muitas das memórias foram silenciadas pelo protagonismo hegemônico da figura masculina, branca, heterossexual, cis, sexista. As memórias silenciadas foram dadas como memórias ausentes, entre elas “os criminosos, as prostitutas, os ‘associais’, os vagabundos, os ciganos e os homossexuais”.⁴³

No primeiro momento da disciplina, foi analisada a luta da população LGBTQIA+ contra as violações dos direitos da comunidade presentes na declaração dos direitos humanos. E, com isso, a trajetória de reivindicações feitas pela comunidade para que se aprovasse a retirada da homossexualidade e transexualidade dos manuais e classificação internacional de diagnósticos de doenças mentais da Organização Mundial de Saúde (OMS). A retirada da homossexualidade dessa lista só ocorreu em 1990. No entanto, a transexualidade só teve um documento oficial aprovado em 2019 e entrou em vigor somente em 1º de janeiro de 2022.⁴⁴

O segundo momento foi marcado por uma roda de conversa, onde os discentes apresentaram sua visão e relatos sobre situações vivenciadas no coletivo social, além de refletirem sobre a definição da Nova Museologia e como ela acolhe os corpos dissidentes, em especial, a comunidade LGBTQIA+. Como especificado por Mario Chagas e Inês Gouveia,⁴⁵ a Museologia possui compromisso com a redução das desigualdades e injustiças sociais e preconceitos. A Museologia também se utiliza da memória, do patrimônio e dos museus como sua fonte de poder para promover o fortalecimento da dignidade e coesão social para as comunidades insurgentes.

Em seguida, foi apresentado o que se denomina e se caracteriza como Museologia LGBTQIA+ através do artigo “O que é Museologia LGBTQIA?”, escrito por Jean Baptista, Tony Boita e Camila Wichers.⁴⁶

⁴³ POLLACK, *op. cit.*, p. 11.

⁴⁴ FACCHINI, Regina. Direitos humanos e diversidade sexual e de gênero no Brasil: avanços e desafios. *Jornal da Unicamp*, 25 jun. 2018.

⁴⁵ CHAGAS, Mario de Souza; GOUVEIA, Inês. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). *Cadernos do CEOM*, ano 27, n. 41, dez. 2014, p. 17.

⁴⁶ BAPTISTA; BOITA; WICHERS, *op. cit.*

Essa Museologia é pensada enquanto uma categoria conceitual criada para ser aplicada no conjunto de iniciativas da América Latina, tal como Tony Boita e Jean Baptista demonstram em distintas ocasiões.⁴⁷ Destaca-se que, entre os conceitos dessa Museologia, seus interesses estão direcionados ao acesso à educação, saúde, alimentação, moradia e garantia dos direitos civis de pessoas e coletivos vivos, dissidentes da matriz heterossexual dominante.⁴⁸

Como proposta final para a disciplina, foi solicitado que os discentes realizassem a construção de uma cartografia com os espaços de sociabilidade LGBTQIA+ da cidade de Aracaju, como uma forma de demarcar a movimentação dessas relações de resistência, liberdade e trabalho dentro de seu território. Fomos orientados pelo docente Tony Boita a buscar tais espaços em nossas memórias individuais, que, segundo Maurice Halbwachs,⁴⁹ são formadas por uma memória coletiva, onde os sujeitos não perdem a conformidade com suas memórias. Dessa maneira, a cartografia se torna uma ferramenta pública que possibilita o reconhecimento e o pertencimento, não só da comunidade LGBTQIA+ local, como também dos próprios discentes, cujos corpos dissidentes também estão cartografados entre os espaços de sociabilidade.

Os indicadores marcados na cartografia se referem a pontos de convívio social entre os alunos participantes da disciplina, em relação ao contato com outras pessoas que compõem parte da comunidade dissidente de gênero e sexualidade dentro dos espaços urbanos da cidade. Foram identificados no mapeamento locais de memória, casas de *show*, bares e restaurantes, ONGs, parques, *shoppings*, espaços de trabalho e locais de defesa dos direitos humanos.

Foram mapeados 27 pontos de memória LGBTQIA+ na cidade de Aracaju, sendo três organizações não governamentais (ONGs),

⁴⁷ BAPTISTA, Jean; BOITA, Tony. Museologia e Comunidades LGBT: mapeamento de ações de superação das fobias à diversidade em museus e iniciativas comunitárias do globo. *CADERNOS DE SOCIOMUSEOLOGIA*, v. 54, n. 10, 2017.

⁴⁸ BAPTISTA; BOITA; WICHERS, *op. cit.* 2020, p. 10-16.

⁴⁹ HALBWACHS, *op. cit.*

três casas de *shows*, um bar, duas cafeterias, três bairros com maior quantidade de profissionais do sexo, dois parques, um museu, dois locais de lazer para maiores de dezoito anos, três *shoppings*, duas praias e toda extensão da orla da cidade. Além disso, foram mapeados quatro locais de memória, onde mulheres transexuais foram brutalmente assassinadas.

Indicadores de memória cartografados

1. Local de memória Denise Melo

Denise Melo era uma cabeleireira, transexual, de 53 anos, assassinada a tiros na porta da sua própria casa, localizada na Zona Sul de Aracaju, no dia 24 de junho de 2017. No depoimento, seu assassino alegou que o crime foi motivado por vingança, pois, segundo a mãe dele, Denise a havia furtado. Para a família da vítima, o crime foi motivado apenas por transfobia e LGBTfobia contra Denise e seu companheiro, que sobreviveu ao ataque. Três anos após o crime, o autor foi condenado a dezenove anos de prisão por homicídio duplamente qualificado e porte ilegal de armas.

2. Local de memória Laysa Fortuna

Laysa Fortuna era cabeleireira, transexual, de 25 anos, esfaqueada em frente à Delegacia de Grupos Vulneráveis (DAGV) na noite do dia 18 de outubro de 2018. O crime, segundo testemunhas, ocorreu após uma tentativa de assalto feita por um morador de rua que provocava e mostrava suas partes íntimas frequentemente a mulheres trans que trabalham na região. Após a agressão, Laysa ainda foi socorrida e levada ao hospital, porém acabou falecendo no dia seguinte. O socorro prestado foi seguido por manifestações de preconceito; ela e suas amigas foram tratadas por pronomes masculino na delegacia. Após seu falecimento, uma amiga afirmou que seu sepultamento foi feito com seu nome de batismo, pois sua família nunca aceitou a transição, o que gerou controvérsias e protestos.

3. Local de memória Natasha Santos

Natasha Santos era uma adolescente, transexual, de dezesseis anos, encontrada morta em um matagal do bairro da Coroa do Meio no dia 8 de fevereiro de 2021. Natasha foi uma jovem que saiu de casa cedo em busca de independência, mas acabou encontrando o caminho da prostituição devido ao preconceito enfrentado pelo mercado de trabalho, tornando-se uma profissional do sexo. Dois meses antes desse ocorrido, um homem tentou matá-la enquanto trabalhava no período noturno, escapando apenas pela união de outras mulheres trans que impediram a aproximação do agressor. O assassinato brutal deixou seu corpo, principalmente seu rosto, desfigurado, e a quantidade de marcas de espancamento, membros quebrados e perfurações evidenciam a crueldade e a brutalidade de sua morte.

4. Local de memória Gabi Mattos

Gabi Mattos era uma adolescente, transexual, de dezessete anos, assassinada no dia 19 de fevereiro de 2022 ao ser atingida com um tiro na cabeça enquanto estava em uma festa na Zona Norte de Aracaju. Foi considerada pela polícia civil como “vítima de bala perdida”, proveniente de uma discussão, silenciando, assim, testemunhos que alegavam que a Gabi havia sido perseguida e morta por dois homens naquela noite. Para Linda Brasil (PSOL), vereadora na época, “é realmente muito estranho que, em um suposto tiroteio, só ela tenha sido alvejada, e logo na cabeça”.

5. **ASTRA Direitos Humanos e Cidadania LGBT** é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, fundada em 30 de novembro de 2001. A Astra é uma ONG composta por pessoas da comunidade LGBTQIA+ que estão em diversas áreas do conhecimento, além de seus voluntários. A sede da Astra fica localizada no bairro Getúlio Vargas.

6. **CasAmor Neide Silva** é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que acolhe e abriga pessoas que rompem a matriz cis-heteronormativa em situação de vulnerabilidade. Localiza-

da no bairro Inácio Barbosa, a CasAmor, além de ponto de memória, realiza atividades continuamente pela luta e resistência do movimento LGBTQIA+ no estado de Sergipe.

7. UNIDAS na luta pela cidadania é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, de assistência social, desenvolvimento e direito de pessoas trans e travestis, que atua pelo reconhecimento da diversidade de gênero e sexual. Além disso, a Unidas realiza acolhimento e presta assistência à população trans e travesti desde 1999, potencializando a autonomia dessas pessoas. A Unidas tem sua sede localizada no bairro Luzia.

8. Mandata Linda Brasil é um indicador de memória, onde funciona o gabinete da atual deputada estadual Linda Brasil, que tem como propósito e luta defender a inclusão e uma política com maior diversidade e representatividade. Atua com prioridade no enfrentamento das desigualdades sociais, da violência de gênero, do racismo, da LGBTQIA+fobia e do racismo religioso. A Mandata fica localizada no Centro de Aracaju.

9. Delegacia dos Grupos Vulneráveis (DAGV) é um departamento que engloba a Delegacia Especial de Atendimento à Mulher (Deam), a Delegacia Especial de Atendimento à Criança e ao Adolescente Vítima (Deacav), a Delegacia de Atendimento aos Idosos e Pessoas com Deficiência (DEAIPD) e a Delegacia de Atendimento aos Crimes Homofóbicos, Raciais e de Intolerância Religiosa (Dachri). A DAGV se dedica e é direcionada para atender os seguintes públicos: mulheres; crianças e adolescentes; idosos e deficientes; LGBT, negros e vítimas de intolerância religiosa.

10. Espaços de trabalho foram mapeados na cartografia como espaços utilizados por profissionais do sexo, localizados com maior visibilidade nos bairros do Centro, Coroa do Meio e Atalaia.

11. Doca é um centro cultural, que reúne arte, cultura, culinária e música. Seu público é alternativo, no entanto, é também um espa-

ço de sociabilidade e lazer LGBTQIA+, que reúne todos os públicos para promoção de um bem comum, a arte. O bar e restaurante fica localizado na Avenida Desembargador Maynard, no bairro Cirurgia.

12. **Vegas Karaoke Bar** é um bar localizado no bairro de Atalaia, Zona Sul da cidade aracajuana. O Vegas reúne música, karaokê e coquetéis diversos em um espaço moderno. O bar é cultuado por um público diverso e plural.

13. **Macaw** é um espaço destinado a noites alternativas localizado na Zona Sul da cidade, com eventos gratuitos ou com ingressos a valores acessíveis. O espaço realiza diversos shows, trazendo o público para si, bem como a diversidade deste, pois, ao contar com um quadro de funcionários LGBTQIA+, faz do local um espaço de representatividade e acolhimento.

14. **Mrs. Cake Aju** é uma doceria e cafeteria, localizada no bairro Salgado Filho, que realiza um trabalho artesanal e exclusivo em seu cardápio, tendo como lema “Transformando doces lembranças em memórias afetivas”. O estabelecimento preza pela qualidade no atendimento ao público em geral, tornando-se um espaço seguro para sociabilidade de pessoas LGBTQIA+. Além disso, a empresa tem uma parceria com a ONG CasAmor, e no dia 28 de junho, Dia do Orgulho LGBT, tem o valor de suas vendas doado para ela.

15. **Mrs. Cake Garden** é uma doceria e cafeteria, localizada no bairro Jardins, que realiza um trabalho artesanal e exclusivo em seu cardápio, que tem como lema “Transformando doces lembranças em memórias afetivas”. O estabelecimento preza pela qualidade no atendimento ao público em geral, tornando-se um espaço seguro para sociabilidade de pessoas LGBTQIA+. Além disso, a empresa tem uma parceria com a ONG CasAmor, e no dia 28 de junho, Dia do Orgulho LGBT, doa o valor de suas vendas para ela.

16. **Orla de Atalaia** é um espaço que possui cerca de cinco quilômetros de extensão e é a parte litorânea mais frequentada por toda

população. A Orla é um dos cartões postais mais famosos da capital aracajuana e do estado de Sergipe. Além disso, é onde ocorre o percurso da Parada do Orgulho LGBT da cidade.

17. Praia da Cinelândia é um espaço aberto, na Zona Sul da capital sergipana, onde há diversas barracas na faixa de areia. O local também é palco do Circuito Sergipano de Surfe e Bodyboarding. Ocorria antigamente ali o Som de Calçada, um evento sem apoio financeiro, criado por artistas locais, que geralmente acontecia nos finais de tarde aos domingos, um espaço de palco aberto com exposições artísticas. Atualmente, é onde ocorre a concentração da Parada do Orgulho LGBT de Aracaju.

18. Praia dos Artistas é uma das praias mais urbanizadas da cidade e costuma receber um grande número de turistas durante a alta temporada. De águas claras, é propícia para o banho e para a prática do surfe. No verão, é comum ver diversos surfistas treinando manobras no local. Esse trecho da praia possui uma infraestrutura de qualidade, com bares e restaurantes que servem o melhor da culinária local. Além de ser uma boa opção para o lazer, é também um ponto para a “pegação” LGBTQIA+.

19. Bar da Mirian é um dos bares da cidade mais procurados pelo público LGBTQIA+ quando se trata de ir à praia. Localizado na Atalaia, o bar ficou popular e conhecido como tal devido à grande quantidade de pessoas da comunidade dissidente que transita pelo espaço. Porém, é frequentado por todos os públicos.

20. Aracaju Parque Shopping, inaugurado em 2019, é o único *shopping* localizado na Zona Norte de Aracaju, sendo o mais próximo da Barra dos Coqueiros. O *shopping* é um espaço de lazer frequentado pela comunidade LGBT de classe média das localidades próximas porque possui diversos atrativos como cinema, lojas de departamento e praça de alimentação.

21. **Shopping Jardins**, inaugurado em 1997, está localizado em um bairro nobre da cidade, Jardins. Nos últimos anos, o *shopping* se tornou um espaço de lazer frequentado pela comunidade LGBT de diversas classes sociais por possuir atrativos como cinema, lojas de departamento e praça de alimentação.

22. **Shopping RioMar Aracaju**, inaugurado em 1989, foi o primeiro *shopping* da capital sergipana. Está localizado em um bairro nobre da cidade. Nos últimos anos, o *shopping* se tornou um espaço de lazer frequentado pela comunidade LGBT de diversas classes sociais, pois possui atrativos como cinema, lojas de departamento e praça de alimentação.

23. **Caïenas Club** é um estabelecimento privado, localizado no centro da cidade, onde possui sauna e também um bar que proporciona eventos para a comunidade gay e LGBT, além de noites de muita “pegação”. É um espaço frequentado por pessoas maiores de dezoito anos.

24. **Sauna Aju** é um estabelecimento privado, localizado no centro da cidade, onde possui sauna para a comunidade gay e LGBT, além de noites de muita “pegação”. É um espaço frequentado por pessoas maiores de dezoito anos.

25. **Museu da Gente Sergipana** foi inaugurado em 2011 e é o primeiro museu de multimídia interativo das regiões Norte e Nordeste. Além de expor o acervo cultural material e imaterial do estado de Sergipe, o museu também é um ponto frequente de visita da comunidade LGBT de Aracaju, embora não englobe essas pessoas no seu acervo.

26. **Parque dos Cajueiros** é um espaço de lazer que fica localizado no bairro da Farolândia, onde é possível fazer atividades ao ar livre, e muito frequentado por pessoas da comunidade LGBT, as quais socializam, realizando eventos e encontros no local.

27. **Parque da Sementeira** é um espaço de lazer, localizado no bairro Jardins, bastante utilizado para diversos fins, como ensaios fotográficos e encontros. Esse segundo aspecto é muito proporcionado por pessoas LGBTQIA+, pois elas o consideram um espaço seguro para tal.

Com base no mapeamento realizado, pudemos constatar que a violência destinada a mulheres trans e travestis da cidade de Aracaju é coerente com os dados disponibilizados pela Associação Nacional de Travestis e Transexuais (Antra) em seu dossiê anual de violências e assassinatos de travestis e transexuais brasileiras. Ainda com base no dossiê de 2022, o Brasil segue sendo o país que mais consome pornografia trans, além de também liderar o *ranking* de país que mais mata a população transexual e travesti no mundo pelo 14º ano consecutivo.⁵⁰

A imagem a seguir mostra os locais mapeados no município de Aracaju durante a pesquisa. Nela, é possível notar que, ao redor dos espaços que foram considerados, há uma grande concentração de locais que, no passado, abrigavam grandes prédios históricos e que, na atualidade, reúnem escolas, museus, ministérios públicos e cartórios. Ao analisar esse complexo, é notável a forte presença de uma heterossexualidade, cis, masculina e isso é evidente a partir dos nomes dados aos espaços - afinal, essa caracterização cultural masculina exclui constantemente mulheres e outras categorias dissidentes.

⁵⁰ BENEVIDES, Bruna G. *Dossiê: Assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022*. 2023. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2023.

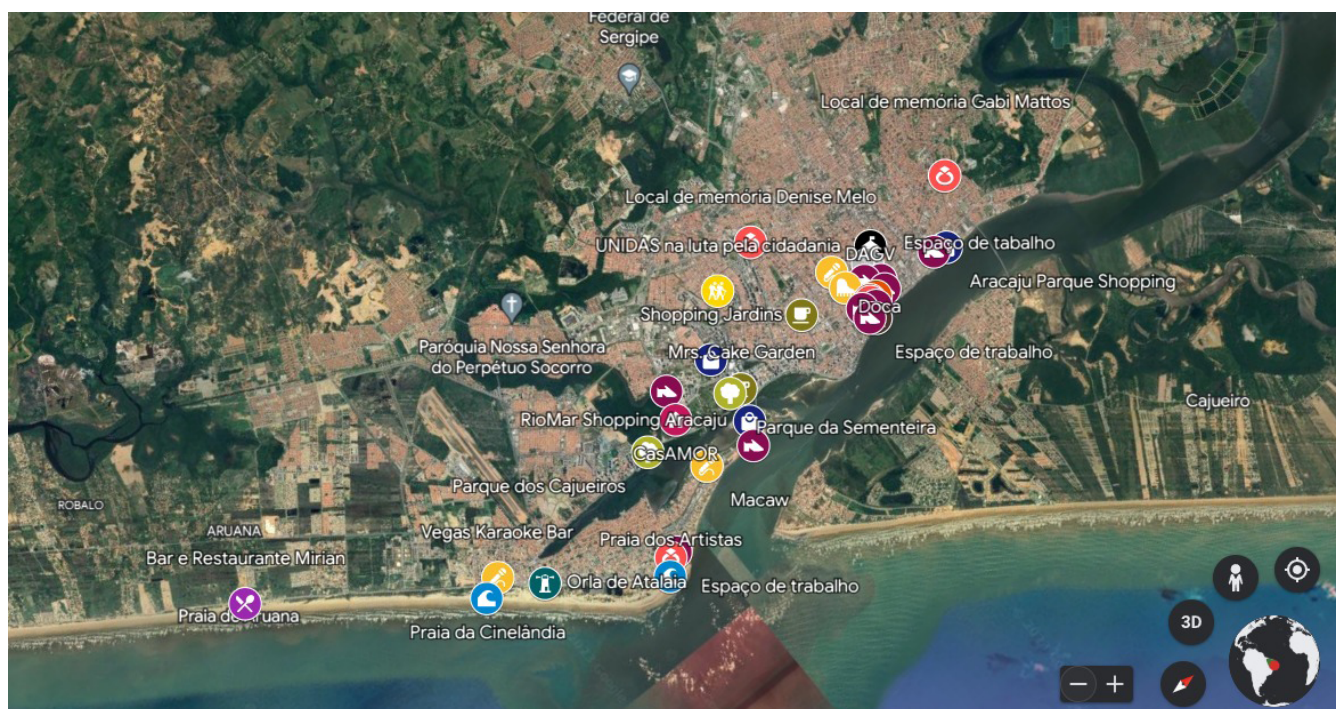


Imagem 1. Cartografia LGBTQIA+ em Aracaju.

Fonte: Imagem extraída do software Google Earth em setembro de 2023.

Em função disso, foi idealizado que os pontos demarcados no mapa possuíssem um motivo para existirem próximos a esses locais elitistas. Por exemplo, a Mandata está localizada no meio de locais de trabalho de profissionais de sexo, como também próximo à DAGV, onde a amiga da atual deputada Linda Brasil foi assassinada. Ademais, consideramos que as pessoas LGBTQIA+, em específico as transexuais e travestis que ocupam a cidade, têm espaços públicos e monumentos que aparecem como fachada para esconder o trabalho sexual realizado por esses corpos invisibilizados e submetidos à sexualização.⁵¹

Assim, partimos da afirmação de Paul Preciado:

O que caracteriza o espaço público na modernidade ocidental é ser um espaço de produção de masculinidade heterossexual. Diante da aparente indiferença de nossos espaços democráticos, como foi observado por Eve K. Sedgwick, transparece a relação paradoxal e constitutiva entre a homofobia e o homoerotismo: o espaço público se caracteriza simultaneamente pela exclusão da feminilidade e da homossexualidade, e pelo prazer oriundo dessas segregações.⁵²

⁵¹ PRECIADO, *op. cit.*, p. 26.

⁵² *Ibid.*, p. 13.

Ao observarmos os espaços mapeados, notamos que existem locais que afirmam essa fala e, dentre eles, aqueles que buscam a exclusão da população LGBTQIA+ no dia a dia, tornando evidente os locais públicos escuros, apontados e analisados por Preciado através da leitura de Linda Williams sobre a criação pela sociedade de espaços públicos e pornográficos.⁵³ Um exemplo de local público escuro é o bairro do Centro da cidade aracajuana, que concentra uma grande quantidade de profissionais do sexo ou que estão na prostituição. Assim, percebemos que os corpos que fogem do padrão dominante nos espaços públicos e privados são frequentemente empurrados para exercer o papel de trabalhadores sexuais, vistos pela matriz dominante como uma forma de “uso público”. Diante disso, um corpo LGBTQIA+, ao se negar à imposição desse papel, estaria lutando pela resistência nesses espaços, usando seu corpo enquanto uma *performance* para ocupar e romper a barreira social imposta.⁵⁴

Além disso, pudemos constatar a ausência de locais de lazer e “pegação” frequentados por um público feminino, ao contrário de espaços como a Sauna Aju e Caienas, que são majoritariamente frequentados por um público masculino. Segundo Preciado,⁵⁵ a lésbica é um elemento que não se consegue cartografar, uma vez que não possui localização espacial. Partindo da leitura de Preciado, Fernandes⁵⁶ explica que as lésbicas são silenciadas não só uma, mas duas vezes, por fazerem parte de uma minoria de homossexuais e por serem um grupo composto por mulheres, sendo excluídas e invisibilizadas dentro da sociedade e da própria comunidade LGBTQIA+. Portanto, não foi possível encontrar espaços que representassem todas as orientações sexuais, num sentido de individualidades e fortalecimento de cada grupo, apenas locais frequentados pela comunidade LGBTQIA+ como um todo.

⁵³ PRECIADO, *op. cit.*

⁵⁴ *Ibid*, p. 14-16.

⁵⁵ PRECIADO, *op. cit.*

⁵⁶ LOBO FERNANDES, V. Museologia Sapatão: uma proposta comunitária expositiva. *Museologia & Interdisciplinaridade*, v. 11, n. 21, p. 220, 2022.

Considerações

A luta pelos direitos humanos da comunidade LGBTQIA+ tem sido constante diante de uma sociedade que silencia e invisibiliza nossos corpos dia após dia. Resistir ao corpo social hegemônico e inserir-se na Museologia LGBTQIA+ é também lutar para nos tornarmos visíveis, não só nos espaços pensados para as comunidades insurgentes, mas também ocupando o meio urbano, que demonstramos ser idealizado para corpos no padrão cis-heteronormativo como um todo. Esses espaços são locais de conflitos e disputa, onde muitas vezes quando ocupados por corpos LGBTQIA+, são lidos como uma tentativa de desestabilizar a matriz heteronormativa. No entanto, dentro de nossa visão, essa leitura que parte da ótica de um “cistema” heterocentrado está mais do que defasada.

Os espaços sobre os quais nos debruçamos estão atrelados à luta pelo direito enquanto seres humanos, dignos de termos e sermos protagonistas de nossa própria história, e, assim, termos potencialidade na equidade social que nos é roubada e silenciada por um padrão cis-heteronormativo compulsório. Esses mesmos espaços de disputas e tensões – nos referimos agora aos espaços museais – estão para além das edificações, estão, principalmente, em nossos corpos dissidentes transitando por entre todos os lugares da cidade.

A cartografia apresentada nos deixa possibilidades para serem trabalhadas futuramente, buscando compreender mais a fundo o que torna cada indicador um ponto de autorreconhecimento enquanto indivíduo e coletivo. Também é possível, em outro momento, compreendermos entre os pares, o sentimento de segurança nos espaços de vivência heteronormativos e quais motivos o fundamentam. Além desses pontos, deixamos os caminhos abertos para uma análise mais profunda sobre o fato de o Centro da cidade de Aracaju concentrar os locais de trabalho de profissionais do sexo e os pontos de defesa dos direitos humanos, investigando se há ou não alguma relação entre eles.

Os pontos cartografados neste trabalho evidenciam que nossas memórias carecem de visibilidade e potencialidade enquanto

corpos performáticos e dissidentes, seja por gênero ou sexualidade. Essas memórias, que são os pilares dentro do pensamento museal, se fazem vivas e presentes, (r)existindo às tentativas de silenciamento por parte da matriz heteronormativa. E essa resistência, imbricada no pensamento da Museologia LGBTQIA+, que se volta para a perpetuação da vida, pode nos possibilitar demarcar e evidenciar a existência de corpos LGBTQIA+ dando nome a estes. Seja em um movimento popular, um evento, uma casa, escola, hospital, ou uma rua, como, por exemplo, a Rua Laysa Fortuna, em Aracaju, e a Rua Marielle Franco, em São Paulo, homenageada também em muitas outras cidades. Assim, Laysa e Marielle estão presentes, agora nomeadas, para que não esqueçamos de tensionar o campo social e museal sobre como suas ações impactam vidas insurgentes e, para além disso, como a memória dessas pessoas nos permite reconhecer e refletir sobre o passado para não mais repeti-lo no futuro.

Caio Vinícius Santos Souto | Graduando em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Está como presidente do Centro Acadêmico de Museologia (Camuse), sendo representante discente do Conselho de Centro do Departamento de Museologia da UFS e da Comissão Própria de Avaliação da UFS no campus de Laranjeiras. E-mail: caioviniciusouto749@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/0310644524221295> | <https://orcid.org/0009-0005-9678-4739>.

Stephani Rayanne da Conceição Santos | Graduanda em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Está como vice-presidente do Centro Acadêmico de Museologia (Camuse), sendo representante discente do Colegiado do Departamento de Museologia da UFS e da Comissão de Espaço do Campus de Laranjeiras. E-mail: rayannestephani99@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/7372449922764141> | <https://orcid.org/0009-0006-6835-3605>.

Isis Milena Santos de Oliveira | Graduanda em Museologia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS). Está como membro representante do Centro Acadêmico de Museologia (Camuse). E-mail: isismilena9@hotmail.com. <http://lattes.cnpq.br/7825178708464421> | <https://orcid.org/0009-0003-2355-1024>.

<< Voltar ao início